



ORIENTE MÉDIO

Evitam a guerra, relutam na paz

Estados Unidos e Irã trocam escaramuças em meio às negociações truncadas para um acordo definitivo. Passados quase dois meses desde os primeiros ataques americanos, analistas avaliam os riscos e oportunidades de cada um no impasse

» SILVIO QUEIROZ

As notícias de uma saravada de bombardeios contra bases de mísseis e lanchas rápidas na região de Bandar Abbas, no litoral sul do Irã, chegou a alimentar receios de que o cessar-fogo em vigor desde 8 de abril pudesse descair, na ausência de progresso palpável nas negociações para uma paz definitiva. O Comando Central (CentCom) dos Estados Unidos, responsável pelas operações militares no Oriente Médio, justificou a ação como medida de “autodefesa”. A Guarda Revolucionária iraniana apontou uma “violação grosseira” da trégua e invocou o “direito de resposta” aos ataques. Paralelamente, no entanto, negociadores de Teerã seguiam discutindo os termos de um acordo, e o secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, sustentou que as partes se debruçam “na redação final”.

“O exército terrorista dos EUA, que continua suas ações ilegais e injustificadas desde o cessar-fogo, cometeu uma grave violação (do acordo) nas últimas 48 horas”, diz um comunicado do Ministério das Relações Exteriores de Teerã. “A República Islâmica”, prossegue o texto, “não deixará nenhum ato hostil sem resposta e não hesitará em se defender”. O porta-voz do CentCom, o capitão Tim Hawkins, alegou que as forças dos EUA fizeram “ações de autodefesa” e “continuarão a proteger nossas tropas, com moderação, durante o cessar-fogo”.

Nenhuma das partes, porém, sequer mencionou a possibilidade de considerar vencida a trégua e retomar os combates iniciados em 28 de fevereiro, com bombardeios maciços dos EUA e de Israel contra alvos no Irã. Peloado norte-americano, o secretário de Estado Marco Rubio afirmou, durante visita à Índia, que um acordo segue possível. Mencionou negociações “sobre a redação específica do documento”, e ponderou que “isso levará alguns dias”. Embora venha insistindo na necessidade de mais tempo para que se ajustem os termos, o governo iraniano enviou diplomatas ao Catar para trocar informações e impressões sobre a continuidade do processo.

Paz em risco

Passado um mês e meio de um cessar-fogo que se mantém, a despeito de incidentes pontuais,



Iraniano agita a bandeira da República Islâmica em praça de Teerã, diante de outdoor que ironiza o presidente norte-americano

analistas veem riscos no caminho de uma paz duradoura no prolongamento das conversações e na repetição das escaramuças. “Ambas as partes parecem preferir, no fim das contas, o fim das hostilidades”, diz Mona Yacoubian, diretora do programa para Oriente Médio no Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais (CSIS), baseado em Washington. “Mas a lógica de curto prazo, marcada por ataques e retaliações, poderia facilmente superar os esforços diplomáticos.” Mark Cancian, também do CSIS, acredita que a resposta escolhida por Teerã determinará os rumos do conflito: “Eles podem fazer declarações raivosas e continuar negociando, como podem, também, suspender o diálogo”.

O professor de relações internacionais Gunther Rudzít, da ESPM,

Ambas as partes parecem preferir o fim das hostilidades. Mas a lógica de curto prazo, marcada por ataques e retaliações, poderia facilmente superar os esforços diplomáticos”

Mona Yacoubian, diretora do programa para Oriente Médio no Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais (CSIS)

aponta como principal obstáculo, da perspectiva dos EUA, a dificuldade de obter um acordo satisfatório — em particular, para sua promessa de garantir que o Irã não possa obter armas nucleares. “Trump retirou os EUA de um arranjo que era considerado razoavelmente bom, principalmente quanto ao programa nuclear”,

disse ao **Correio**, em menção ao acordo fechado em 2015 com Barack Obama, e rompido pelo atual presidente no primeiro mandato, em 2018. Da perspectiva de Teerã, as razões para o impasse à mesa são simétricas e opostas, segundo o estudioso. “Sabendo da situação de Trump, eles estão esticando a corda. Primeiro, para

prejudicá-lo nas eleições legislativas de novembro. E, por mais que estejam ganhando a guerra, precisam ter uma carta na mão, até para negociações futuras.”

É no interesse de longo prazo da China, que se movimentou discretamente nos bastidores das negociações, principalmente apoiada no aliado Paquistão e nas relações estreitas que cultiva com Irã e Estados Unidos, que Rudzít aposta para um empurrão definitivo na direção da paz. “Acho difícil uma retomada da guerra, porque Trump não tem apoio interno para isso, teria pela frente repercussões muito negativas, no Congresso e até mesmo entre os republicanos”, pondera. “Mas no momento em que a crise do Estreito de Ormuz estiver próxima de levar a economia global a uma recessão profundíssima, Pequim vai forçar Teerã a chegar a um acordo.”

Trump faz check-up

Antes de enfrentar uma sequência de reuniões sobre estratégia para as políticas doméstica e externa — com a guerra contra o Irã no centro do foco, Donald Trump passou ontem pelo terceiro check-up médico desde que retornou à Casa Branca, em janeiro de 2025. E saiu satisfeito do Hospital Militar Walter Reed, próximo a Washington: “Tudo saiu perfeitamente”, disse aos jornalistas antes de entrar no carro.

A poucos dias de completar 80 anos, o presidente dos Estados Unidos é o mais velho a ser empossado em 250 anos de vida independente. Trump costuma falar com orgulho do próprio vigor físico e acuidade mental, embora os críticos e parte da mídia observem por vezes momentos de sonolência em cerimônias públicas. Algumas fotos mostraram pequenos hematomas nas mãos e, um ano atrás, médicos avaliaram uma recorrência de inchaço nas pernas. Diagnosticaram uma insuficiência venosa crônica, condição na qual válvulas defeituosas permitem que o sangue se acumule nas veias, provocando inchaço, câimbras e alterações na pele.

Integrantes do primeiro escalão do governo garantem que o presidente mantém uma rotina de trabalho intensa, para alguém da sua idade. Depois do último check-up, em outubro, seu médico, o capitão da Marinha Sean Barbabella, escreveu que a idade cardíaca de Trump “se mostrou aproximadamente 14 anos abaixo da idade cronológica”. Trump vai comemorar o aniversário, em 14 de junho, assistindo a uma luta de artes marciais mistas do UFC, nos jardins da Casa Branca, com milhares de convidados.

BOLÍVIA

Protestos se agravam e Paz defende o diálogo

» RODRIGO CRAVEIRO

A decisão do presidente Rodrigo Paz (centro-direita) de reduzir pela metade o próprio salário e a folha de pagamento de seus ministros não foi suficiente para arrefecer a crise social, política e econômica que a Bolívia atravessa. Em pronunciamento na segunda-feira, em Sucre (capital constitucional), Paz adotou o tom conciliador ante os protestos que se espalham pelo país. “A Bolívia tem que mudar a forma como dialogamos. Não é uma questão de renunciar, mas de entender o futuro da pátria. Nunca se renuncia à pátria, jamais se abandona a pátria”, declarou. “O bloqueio não é solução para o diálogo. (...) Este governo será sempre um governo de diálogo com as regiões.”

O presidente comentou que conversou com o americano Donald Trump e o brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva. “Para nós, não é um problema de esquerda ou direita, mas de criar saídas para a Bolívia, para que a Bolívia produtiva esteja inserida no mundo.” Lula, antigo aliado do ex-presidente socialista Evo Morales, falou por telefone com Paz para demonstrar apoio à democracia e ao diálogo. Em nota, o Palácio do Planalto informou que Lula ressaltou a importância do pleno respeito às instituições democráticas e ao Estado de Direito. “Nesse contexto, defendeu que governo e movimentos sociais evitem o recurso à violência e privilegiem o diálogo como caminho para a superação das divergências e para a preservação da paz social”, afirmou o comunicado. “A pedido do presidente Rodrigo Paz, o presidente



Lula determinou o envio de ajuda humanitária à Bolívia.”

No domingo, o chefe de Estado advertiu que a convulsão social coloca a democracia à prova. Durante

entrevista ao site Bloomberg, ele pediu uma abertura econômica e a adoção de reformas, no momento em que os protestos entram na quarta semana. Os manifestantes

Manifestantes entram em choque com a tropa de choque da polícia, em La Paz

exigem a renúncia de Paz, em meio à mais grave crise econômica a atingir a Bolívia em quatro décadas. Ontem, eles bloquearam a rodovia de acesso ao Aeroporto Internacional de El Alto, ao lado de La Paz. A interdição das vias provocou escassez de alimentos e de medicamentos em várias regiões.

Tensão em alta

Professor de ciência política da Universidad Mayor de San Andrés (em La Paz), Marcelo Arequipa admitiu ao **Correio** que o conflito na Bolívia tensionou nos últimos dias. “Houve a adesão de mais setores aos protestos sociais. Isso está agudizando os problemas que

temos no país. O cenário político indica que não houve rebaixamento da tensão, ao contrário de conflitos recentes, quando as manifestações atingiram o nível máximo. Isso complica as possíveis soluções para os problemas”, explicou.

De acordo com Arequipa, o anúncio de redução salarial do presidente não tem alcance para desmobilizar os protestos. “Se Rodrigo Paz tivesse tomado essa decisão três semanas atrás, provavelmente teria desescalado as manifestações. Mas isso não ajuda em nada, sob meu ponto de vista. Isso significa que o governo de Rodrigo Paz está chegando tarde aos tempos políticos”, analisou o estudioso boliviano.